

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ANÁLISE TÉCNICA DA COLEÇÃO LÍTICA DO SÍTIO SERROTE DOS
CABOCLOS, NO MUNICÍPIO DE PEDRO AVELINO**

ANA AMÉLIA DE BRITO SABINO

**NATAL-RN
2005**

ANA AMÉLIA DE BRITO SABINO

**ANÁLISE TÉCNICA DA COLEÇÃO LÍTICA DO SÍTIO SERROTE DOS
CABOCLOS, NO MUNICÍPIO DE PEDRO AVELINO**

Monografia apresentada no Curso de História do Departamento de História do CCHLA da UFRN, para fins de conclusão de Curso.

**NATAL-RN
2005**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Francisco Sabino Sobrinho e Maria José de Brito Sabino, como também ao meu irmão Alexandre de Brito Sabino, por todo carinho e apoio dado na elaboração do trabalho.

Agradeço ao meu orientador Luís Dutra de Souza Neto, por todo suporte e confiança do trabalho.

Agradeço a Daniel Bertrand por ter me ajudado em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis, como também pela paciência que teve para comigo.

Agradeço a toda a equipe do Museu Câmara Cascudo.

Agradeço a Pedro Alzair e Gersón Levi por todos os conhecimentos compartilhados.

Agradeço a todos os professores do Departamento de História, por todo o conhecimento adquirido ao longo desses anos.

Agradeço a todos os meus amigos do curso de história.

Agradeço ao pessoal do Núcleo de Estudos Históricos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
1.0 APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE TIPOLOGIA LÍTICA.....	07
1.1 Matéria prima: tipos e importância.....	09
1.2 Técnicas de trabalho na pedra.....	12
1.3 Atributos para caracterização de material lítico lascado.....	16
1.3.1 Núcleo.....	18
1.3.2 Seixos.....	19
1.3.3 Raspador.....	20
1.3.4 Plaina.....	20
1.3.5 Lesma.....	21
2 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SERROTE DOS CABOCLOS.....	22
2.1 Localização Geográfica.....	22
2.2 A pesquisa arqueológica.....	23
2.3 Os vestígios arqueológicos.....	25
2.4 O sítio arqueológico Serrote dos caboclos no contexto arqueológico regional.....	29
3 CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Norte é um Estado potencialmente rico em materiais deixados pelos homens pré-históricos que aqui viviam. Porém, o que se observa é que neste campo ainda de estudo ainda persistem muitas dúvidas de como esses povos se estabeleceram aqui, como eles viviam, como era seu cotidiano, etc.

Salvo exceções, existem regiões bastante estudadas no Rio Grande do Norte, como o vale do Rio Seridó e seus afluentes, onde as pesquisas arqueológicas que se desenvolvem nesta área tem como centro as cidades de Parelhas e Carnaúba dos Dantas e outro local bastante explorado é o Lajedo de Soledade, localizado no município de Apodi. Estes lugares são de grande potencial arqueológico e foram as áreas mais procuradas por estudiosos, bem como são de grande potencial turístico, como o Lajedo de Soledade.

Existe uma relação entre história, pré-história e arqueologia, como afirma Prous (2000, p.19) "A história tem por objeto de estudo as sociedades, numa perspectiva diacronica, abordando essencialmente as que possuem escrita. As sociedades sem escrita do passado são, pois, o campo da pré-história". Desta forma, observamos que, para estudar como essas sociedades ágrafas viviam e como se deu a sua evolução cultural, é difícil, já que estas não deixaram testemunhos escritos. Portanto, é a hora em que os historiadores vão ao encontro da arqueologia, que tem como objetivo, segundo Rahtz (1989, p. 09) o "estudo da cultura material em sua relação com o comportamento humano". A cultura material se define por ser, de acordo com Gaspar (2000, p. 159) "objetos de pedra, de osso, as marcas de habitação, as alterações realizadas na paisagem". Desta forma,

esses elementos são considerados indicadores de uma ocupação em uma determinada região, fornecendo os subsídios para as pesquisas arqueológicas.

Os vestígios arqueológicos¹ que são encontrados nos sítios arqueológicos, que é definido por Sanders (1971, p. 09) como “qualquer localidade alterada, de algum modo pelo homem, no passado”, serão os objetos de estudo do arqueólogo e do pré-historiador, pois esses materiais coletados são vistos como documentos, onde esses são, como afirma Child (1977, p. 11) “expressões de pensamentos e finalidades humanas e só tem interesse como tal, fornecendo informações sobre o pensamento e o modo de vida de quem o fez ou usou”.

Desta forma, a cultura material passa a ser na realidade a chave para poder conhecer estes povos pré-históricos, onde a partir deles poderemos dar respostas as nossas duvidas. Estes objetos têm que ser estudado dentro de um contexto, onde será observado a relação deste com o meio ambiente. Objetos encontrados isolados passam a servir somente para coleção de museu e não para estudo de uma sociedade.

Assim, este homem que viveu nos primórdios da civilização até a invenção da escrita, ou seja, na pré-história, possuía diferentes habilidades dos outros animais. Este homem tinha a capacidade de sobreviver e adaptar-se a diferentes condições de vida, ajustando a sua vida ao meio e as suas necessidades. Para que isso ocorresse, ele buscou junto à natureza elementos que pudessem auxiliar a sua vida, como nos mostra Child (1981, p. 10) “faz picaretas e pás para cavar, armas para matar a caça e o inimigo, enxós e machados para cortar madeira, roupas para manter-se aquecido do frio”, por isso, que quando encontramos esses objetos, somado as técnicas arqueológicas, conseguimos decifrar a identidade de nossos

¹ Vestígios arqueológicos são todos os indício da presença ou atividade humana em um determinado local. PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. p.25

ancestrais.

Portanto, para a realização deste trabalho monográfico, que tem como objetivo a análise da coleção lítica no sítio Serrote dos Caboclos, localizado no município de Pedro Avelino no Estado do Rio Grande do Norte, foram utilizados métodos arqueológicos.

Para o estudo das fontes bibliográficas foram utilizados obras gerais sobre a Pré-História e Arqueologia do Brasil e do Nordeste, como os livros “Arqueologia Brasileira” de André Prous, “Pré-História do Nordeste do Brasil” de Gabriela Martin, e também uma bibliografia local como “Em busca dos grandes caçadores” de Walner Barros Spencer e “Sugestões para um modelo de primeira abordagem a uma análise interpretativa de uma coleção de artefatos líticos: estudos sobre artefatos líticos procedentes do sítio arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta) – Angicos (RN)” de François Gaston Laroche.

Já para a análise do material lítico proveniente do sítio Serrote dos Caboclos, utilizamos para dar suporte a análise o livro de Annete Laming-Emperaire “Guia para estudo das indústrias líticas da América do Sul”, o de André Prous “Arqueologia brasileira”, e também o artigo de Tom Miller, “Tecnologia Lítica Arqueológica”, publicada nos Anais do Museu de Antropologia da UFSC “Tecnologia Lítica Arqueológica”.

O trabalho foi dividido em duas partes: na primeira demonstramos um embasamento teórico para se fazer uma análise lítica. Já na segunda parte tratamos de mostrar a análise do material lítico feita no laboratório e o resultado desta, bem como o sítio arqueológico Serrote dos Caboclos relacionado com o contexto regional.

1.0 APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE TIPOLOGIA LÍTICA.

Para podermos realizar o objetivo desta presente monografia, que é fazer uma análise tecno-tipológica da coleção lítica do sítio Serrote dos Caboclos, no Município de Pedro Avelino, no Estado do Rio Grande do Norte, precisamos levar em consideração algumas técnicas arqueológicas que nos auxiliam a uma melhor compreensão deste grupo humano, que habitou este determinado local, onde através da análise destes vestígios materiais, no nosso caso somente o material lítico, pois são encontrados ainda vestígios como cerâmica e a chamada pintura rupestre que podem caracterizar um grupo humano pré-histórico, chegaremos a conclusões precisas.

Desta maneira André Prous (1992, p. 60), observa que:

já que o arqueólogo estuda o passado a partir de objetos modificados pelo homem (artefatos), deve ser ele capaz de colocá-los dentro de categorias classificatórias que permitam a comparação dos artefatos e as 'indústrias' (conjunto de artefatos) entre si. Para tanto, deve elaborar uma ciência classificatória: a tipologia. Os objetos serão colocados em categorias (tipos) que podem ser morfológicos (em função de sua forma), tecnológico (em função da fabricação), funcionais (finalidade dos artefatos) ou estilísticas.

Para entendermos como funciona este tipo de análise, utilizando uma classificação tipológica, que apresenta as categorias acima citadas, observaremos o exemplo dado pelo arqueólogo Andre Prous (1986-1990, p.03) sobre essas categorias para poder caracterizar um determinado material:

Uma tipologia de cunho morfológico permitirá distinguir pela forma, um machado francês de lenhador com ferro retangular, de um machado de gume duplo da Creta antiga. Se for empregada uma tipologia de cunho tecnológico, poderemos opor um machado de pedra polida a outro de metal forjado. Uma tipologia funcional poderá separar uma faca, com gume que funciona por pressão linear (para cortar), de um punhal, com dois gumes e uma ponta, que funciona por pressão punctiforme (para perfurar).

Falando ainda sobre a importância do estudo da tipologia, Annete Laming Emperaire (1967, p. 13) também nos chama atenção para este assunto, vejamos:

Em arqueologia pré-histórica, a tipologia é o principal, as vezes o único meio de que dispomos para definir uma cultura, para estudar sua evolução nas camadas sucessivas de um sítio, para determinar geograficamente os limites de uma área cultura. Ora, definir uma cultura através de vestígios de pedra, algumas vezes muito rudimentares, significa que, das formas de um objeto e de alguns detalhes perceptíveis somente aos especialistas, poderão ser deduzidas informações coerentes sobre seu modo de fabricação e de utilização.

Desta forma, observou-se que para poder caracterizar uma determinada cultura, terer-se-á que fazer uma análise desse material encontrado em um determinado local e para isso usamos a tipologia, que através de seus atributos, sejam eles morfológicos, tecnológico ou funcional, poderemos obter os resultados desejados.

Em se tratando dessas tipologias, cada uma delas possuem características peculiares, apontando os seus pontos positivos e negativos. Prous (1986-1990, p. 03) nos fala que:

Sobre a análise morfológica, esta deixará de lado as peças quebradas e fragmentadas, cuja forma atual não corresponde à do objeto primitivo, ocasionando assim uma limitação no estudo de uma cultura através da análise dos vestígios arqueológicos raramente intactos e cuja forma inclusive mudou durante a utilização pré-histórica. Já na tipologia funcional, não se sabe para que foram utilizados a maioria dos artefatos líticos, pois as necessidades de furar, cortar, raspar, etc, são universais e portanto instrumento com a mesma finalidade encontram-se em todas as culturas do planeta e desde as origens da humanidade. Uma tipologia funcional apenas permitiria separar áreas de atividades dentro de uma única ocupação local. A tipologia tecnológica, por sua vez, é mais variável de uma cultura para outra. É agora freqüentemente utilizada nas tipologias modernas, mas em combinação com atributos morfológicos.

Deve-se ter cuidado também em relação à tipologia lítica, no que diz respeito a descrição de um objeto, pois não podemos nos reduzir somente a definições

gerais, como um objeto que corta, fura, raspa, etc. Desta forma Laming-Emperaire (1967, p. 15) nos chama à atenção:

uma vez que os tipos gerais aparecem em todas as culturas e não caracteriza nenhuma. O encontro de uma faca, ou de um raspador de pedra em uma camada arqueológica, não tem quase nenhum significado. Para que esse achado se torne significativo é necessário que ao tipo de faca ou raspador sejam adicionados características qualitativas. A análise de uma indústria consiste em determinar a presença de características que possibilitarão a definição de subtipos específicos que a compõem. É necessário também determinar a importância relativa de cada um desses tipos ou subtipos no conjunto do equipamento técnico de um grupo dado, em uma época determinada.

Assim, a proposta que se fez para conhecer o grupo humano que habitava o sítio Serrote dos Caboclos, foi de se fazer uma análise tecnológica dessa coleção de líticos, pois acreditou-se também ser a mais eficiente, no que diz respeito a se conhecer uma cultura.

Porém, existe também características que encontramos nos instrumentos líticos, que só fazem somar na nossa análise deste respectivo material. Observamos que os elementos como: matéria prima, tipos de lascamentos e a definição dos tipos de instrumentos que um determinado homem quis fabricar, sendo esses uma lasca, um núcleo, ou artefatos, por exemplo, também leva a caracterizar este homem pré-histórico. Verer-se-á então, a seguir a importância de cada um desses elementos.

1.1 Matéria prima: tipos e importância.

Em uma análise de uma coleção lítica, com o objetivo de caracterizar uma cultura, o pesquisador deverá se preocupar em não somente analisar o artefato, e

sim como ele foi produzido. Por esse motivo todo o processo de produção do artefato será observado, desde a coleta da matéria-prima até o produto acabado, ou seja, o artefato. A matéria prima, como conceitua Laming-Emperaire (1967, p. 24) é “uma rocha da qual é feita a peça estudada. Sua determinação corresponde a uma identificação mineralógica. Às vezes essa ‘rocha’ é madeira fóssil, que tem quase as mesmas propriedades que as rochas e lasca bem”.

Encontra-se na natureza diversos tipos de rochas, de origem sedimentária, cristalina, ígnea, etc. Porém, Miller (1975, p. 9) nos fala que “a estrutura interna da rocha depende da sua origem, e o comportamento da rocha, ao se lascar, depende diretamente da natureza dessa estrutura interna “.

Dentro do universo da matéria prima, Prous (1992, p.60-61) classifica os tipos de rochas como frágeis ou resistentes, vejamos:

As frágeis são aquelas que recebendo um golpe perto de alguma quina, soltam uma lasca. As rochas como o basalto, alguns quartzitos, o sílex, o quartzo e suas formas silicosas aparentadas, freqüentes no Brasil, podem assim ser lascadas. As rochas resistentes, como gnaisse, granito, podem ser picoteadas (marteladas) ou polidas, mas não lascadas. Em compensação as rochas frágeis podem ser polidas ou picoteadas (desde que as marteladas não sejam aplicadas perto de uma quina, da qual se soltaria uma lasca). Algumas rochas semi-frágeis, apresentam um comportamento intermediário, fazendo com que soltem pequenas lascas formando um gume pouco eficiente.

O artesão, conhecedor do material que ele está trabalhando, ao lascar um objeto, ele já tem em sua mente uma idéia do material que ele quer produzir, procurando modificar um bloco ou um seixo, por exemplo, a sua necessidade. Assim, ele inicia golpes de força, seja através de um percurtor ou por pressão, em um ponto determinado, conseguindo, assim, o seu objetivo.

Uma característica que devemos levar em conta é o isomorfismo, que, como afirma Miller (1975, p.09), “a rocha tem uma estrutura homogênea, semelhante à de

um líquido super arrefecido, como, por exemplo, o gelo". Uma rocha cripto-cristalina possui esta qualidade estrutural, podendo ser ela mais facilmente trabalhada.

Levamos em consideração que, quanto mais são encontrados na natureza rochas com números reduzidos de impurezas e falhas, o artesão terá mais controle e facilidade em produzir o objeto desejado, porém, se uma rocha é refratária ou com falhas estruturais, por mais habilidoso que esse artesão seja, ele não conseguira produzir um grande objeto. Isso tudo nos fazer ter mais atenção, quando julgamos que certas indústrias são primitivas, pois Miller (1975, p. 10) fala que:

esse julgamento por parte do observador devem ser testados no comportamento da rocha utilizada como matéria prima, antes de se poder chegar a uma conclusão. Pois, um mesmo artesão iria produzir uma rocha belíssima em sílex ou calcedônia homogênea, e um objeto tosco trabalhando com arenito, diabásio ou basalto.

Com isso, observa-se a importância de conhecer bem a matéria prima que é trabalhada pelo homem em um determinado sítio, para estabelecer suas limitações e possibilidades.

As rochas cripto-cristalinas, como jaspe, sílex, calcedônia, chert, podem, através do tratamento térmico, serem melhoradas. Era costume, deixar a pedra enterrada na fogueira um ou dois dias, para que nestas houvesse mudanças, que são elas: o recozimento das falhas, rachaduras e ocos; a aparência fica com uma textura mais vítrea, melhorando a qualidade da rocha para o trabalho. Desta forma, passa a existir uma nítida diferença entre uma rocha que sofreu tratamento térmico e a que não sofreu.

Outro fator bastante importante para se ter uma matéria prima ideal é a textura, onde Miller (1975, p.12) nos fala que:

a rocha deve ser mais ou menos homogênea, relativamente sem falhas, irregularidades, rachaduras, inclusões extrâneas e, planos de clivagem, a fim de que se possa agüentar o choque de percussão e a força necessária para a debitação de lascas com dimensões pré-determinadas.

1.2 Técnicas de trabalho na pedra

Para se chegar à forma desejada em um material lítico, o artesão pré-histórico utilizou-se de algumas técnicas. Assim, existem maneiras de se trabalhar na pedra, divididas em: picoteamento, polimento e lasqueamento.

O picoteamento de uma pedra tem por objetivo martelar a superfície desta para conseguir a forma almejada. Para que ocorra este processo é necessário um utensílio chamado percurtor que possui visíveis e numerosos sinais de percussão. Com esse percurtor inicia-se repetidas percussões em uma rocha, provocando o esfarinhamento, com abrasão progressiva. O picoteamento às vezes pode ser uma forma inicial de polimento. Nesta técnica é importante perceber que quando se está havendo um picoteamento de um lítico, os detritos da rocha formam uma poeira pulverizada ou são reduzidas a grãos, desta forma, quando se está em campo fazendo uma escavação raramente se recolhe esses grãos, até por eles se confundirem com os sedimentos das camadas arqueológicas, porém este detalhe da rocha pulverizada é bastante importante, pois através dele pode-se identificar uma oficina de picoteamento.

No caso da pedra polida, chegamos a este resultado esfregando uma pedra sobre o polidor, tão duro quanto ela, sendo que com ajuda de um abrasivo que é uma areia rica em sílica. Segundo Laming-Emperaire (1967, p. 30):

As operações preliminares de abrasão podem ser o lascamento e neste caso tem-se um objeto lascado e polido, ou então o picoteamento e o objeto é dito picoteado e polido, ou, em último caso, tem-se o lascamento e o picoteamento e o objeto é lascado, picoteado e polido.

Assim, com o trabalho repetitivo de esfregar as faces dos objetos, formam-se nelas depressões de polimentos largas e não muito profundas. As rochas que

servem para polir as faces são chamadas de mós ou polidores. Já as que dão polimento no gume são chamadas de aguçadores ou afiadores, e deixam na rocha depressões alongadas, de secção sub-triangular.

Ambas as técnicas de picoteamento e polimento são recentes no mundo e consequentemente aqui no Brasil. As duas também se formam por abrasão lenta, e podem ser aplicadas em qualquer rocha para se fazer os mesmos artefatos. Porém, a técnica de picoteamento, segundo Prous (1992, p. 77)

permite retirar arestas estéticas ou morfológicamente indesejáveis, e, sobretudo, cavar concavidades ou obter superfícies rugosas, o que o lascamento é incapaz de conseguir. O picoteamento será utilizado para a fabricação de objetos de formas complexas, que envolve reentrâncias. Como esse processo é algo mais rápido do que o polimento e leva os mesmos resultados (a não ser a obtenção do gume que o picoteamento não realiza), ele é frequentemente utilizado para preparar as peças que receberão mais tarde acabamento mais bonito, com polimento final.

Por fim, a outra técnica conhecida é o lascamento, onde Laming-Empeaire (1967, p.31) fala que:

todos os objetos de pedra, são obtidos por lascamentos voluntários. O lascamento da pedra pode ser estudado seja do ponto de vista da técnica (percussão, pressão), seja sob o ângulo das principais operações (preparação, desbastamento e lascamento, preparo da forma, trabalho secundário), seja sob o ângulo dos produtos obtidos, classificados em função dos processos de fabricação (indústria de lasca, indústria de bloco, detritos diversos).

Desta forma, o que se verá aqui será as técnicas de lascamento, que são definidas em três categorias: percussão direta com percutor duro e mole, percussão indireta e pressão.

Para que o lascamento por percussão direta com percutor duro ocorra é necessário aplicar um golpe em um local já definido e numa direção também já escolhida, sendo que este golpe tem que ser perto da margem do plano de percussão de um núcleo já escolhido. Já que o percutor usado é duro, como por

exemplo, uma pedra, Miller (1975, p. 34) observa que o “ponto de impacto vai formar um caroço, e a separação ou clivagem da lasca do núcleo vai deixar na lasca, uma pequena parte do plano de percussão, ou seja, a plataforma”.

Quando usado um percutor duro às lascas tornam-se um pouco punctiforme, isso acontece devido à dureza do percutor, pois o golpe fica mais rápido, não ocorrendo tempo para espalhar linearmente. Desta forma, observamos a formação, a partir do ponto de impacto, de um bulbo de forma concoidal, ou seja, o bulbo abre mais em forma de leque.

O lasqueamento por percussão direta com percutor mole, que pode ser osso, chifre ou madeira dura, como o instante em que ocorre o impacto é mais prolongado, faz com que a estrutura da rocha tenha mais tempo para reagir devido a sua elasticidade. O resultado obtido, segundo Miller (1975, p. 38) é:

um bulbo mais difuso, mais largo e, menos saliente, e também mais curto; A plataforma fica mais estreita; a lasca possui maior possibilidade de curvatura, seguindo as formas originais da face externa do núcleo.

Podemos observar com isso a diferença existente em fazer uma percussão usando um percutor mole de um duro, pois Miller (1975, p.35) nos fala que:

às lascas de percussão direta tiradas com percutor de pedra são mais grossas, e com plataforma maior, em geral do que as tiradas com percutor mais mole, tal como osso, chifre e madeira. O percutor duro também produz um bulbo maior e mais saliente do que o mole.

Para ocorrer o lasqueamento por percussão indireta, será utilizada uma punção, que pode ser de madeira dura, osso, chifre ou pedra, onde vai ser colocado entre o percutor e o núcleo. A partir daí o núcleo fica no solo, segurado entre os pés de quem está realizando o trabalho e se escolhe uma extremidade onde a punção vai ser colocada. A partir daí o golpe do percutor será aplicada em uma extremidade

oposta. A vantagem da percussão indireta utilizando uma punção é que o artesão pode dar o golpe com mais exatidão no lugar onde se deseja acertar.

O lasqueamento por pressão se dá pela utilização de um retocador que pode ser de osso, chifre, madeira ou pedra, onde se exerce pequenas pressões sucessivas na parte que deseja ser retocada. Esta pedra que vai ser retocada fica mantida na mão do artesão. O resultado obtido por este retoque por pressão é mais fino e regular, não tão profundos e menores do que os obtidos por percussão.

Outros tipos de lasqueamento também são bastante freqüentes aqui no Brasil como o lasqueamento bipolar, onde consiste em colocar o bloco a ser debitado em um suporte e bater sobre ele com um percurtor grande de forma violenta, ocorrendo dois pontos de impacto, sendo um no percurtor e outro no suporte, com resultado de dois lascamentos. Prous (1992, p.68) nos fala que “os resíduos deste tipo de lascamento são bastante peculiares (talão esmagado, faces interna e externa não distinguíveis, perfil longitudinal reto, etc.)”.

Em segundo vem o lascamento por contra-golpe, onde se coloca o bloco sobre um suporte de pedra ou osso e em seguida é dado uma série de pequenos golpes no centro da face superior da pedra, obtendo pequenas lascas que se destacam do bordo que estava em contato com o suporte.

E por último, vem o lasqueamento sobre suporte, onde é colocado no solo uma pedra que será o suporte. A pedra a ser lascada é segurada com as duas mãos e levantada acima da cabeça e vai ser batida em cima do suporte. O resultado será, segundo Laming-Emperaire (1967, p. 32) “o plano de percussão das lascas obtidas são muito grandes, muito oblíquos, com o bulbo saliente, ponto de impacto visível, cone aparente, algumas vezes múltiplos”.

1.3 Atributos para caracterização de material lítico lascado

Para realizar uma análise de uma coleção lítica, temos que ter noção do que aquele vestígio arqueológico representa, ou seja, temos que saber qual foi o objeto que aquele determinado homem pré-histórico quis produzir no lítico. É impossível na arqueologia pré-histórica tentar uma descrição tipológica sem o conhecimento desses termos, tais como: lasca, artefatos, núcleo, seixos, plainas etc. A partir disso, vejamos a definição de cada um destes.

Segundo Laming-Emperaire (1967, p. 27) uma lasca se caracteriza por ser:

um fragmento destacado por percussão, de um bloco de rocha, de um seixo, etc. Esse fragmento é então trabalhado para se transformar em múltiplos utensílios, cujo conjunto constitui a indústria de lascas. Quando uma lasca é de grande tamanho, ela pode também ser utilizada como massa inicial, onde pode ser reconhecida pela face interna, pelo plano de percussão ou pelo bulbo.

Uma lasca possui algumas características peculiares, como: uma face externa, que era visto antes mesmo de ser lascada, pois era a face lateral do bloco; um talão que se forma pela parte do plano de percussão de onde saiu a lasca; uma face interna, que é o lado interior do bloco original. Dentro da face interna de uma lasca se encontram algumas outras características como o bulbo, ondas, etc.

Miller (1975, p.71) define o bulbo como “um caroço denso de rocha comprimida no ponto de impacto e, portanto, no ápice do cone de força”. As ondas são várias saliências curvas, que ficam em volta do bulbo.

O talão em uma lasca pode ser encontrado de várias formas, podendo ser, de acordo com Prous (1992, p.67):

corticais, lisos (a percussão foi aplicada numa cicatriz de lasqueamento anterior), diedros (percussão aplicada no limite entre duas cicatrizes) ou facetados (sobretudo quando houve operações prévias destinadas a preparar a morfologia do plano de percussão. O talão é então dito preparado).

As lascas também podem ser distinguidas pela fase de fabricação, pela sua forma ou proporção.

Os tipos de lascas formados em função de sua fabricação podem ser, lasca inicial que é a primeira lasca destacada de um núcleo ainda com o córtex², não ocorrendo plano de percussão. Esta lasca pode ser utilizada desta forma, ou retocada. Outro tipo de lasca é a de descortiçamento, onde a face externa da lasca é marcada por retirada de córtex. Também podem ser utilizadas desta forma, ou retocadas.

As lascas formadas em função de sua forma, são a lasca oblíqua, que é caracterizada por ter o eixo de debitagem³ oblíquo em relação ao eixo morfológico⁴. Outro tipo é a lasca com dorso, onde possui uma secção triangular, com um bordo longitudinal abrupto e estreito, formando um dorso contínuo.

As lascas formadas em função de sua proporção, é medida através do seu eixo de debitagem, como exemplo observamos que lascas muito grandes possuem 15 cm de comprimento, as médias 8 cm, as minúsculas 2 cm. Existem também as lascas largas, longas, etc.

² Córtex é a camada externa de alteração de uma rocha, cuja espessura depende simultaneamente da duração da exposição aos agentes atmosféricos, das condições climáticas e da natureza da rocha. LAMING-EMPERARIRE, Annete. **Guia para estudo das indústrias líticas da América do Sul**. P.24

³ "A palavra debitagem não existe na língua portuguesa. Trata-se de um neologismo, do francês *debitage*. Significa lascamento e aplica-se especialmente para lascas resultantes da preparação de um artefato lítico. O termo já popularizado vem sendo usado por nós arqueólogos brasileiros. MARTIN, Gabriela. **Pré-história do nordeste do Brasil**. p. 154

⁴ Eixo morfológico coincide com aquilo que é comumente chamado comprimento de uma lasca, corresponde ao comprimento de um retângulo, no qual se pode inscrever a lasca. O eixo de debitagem é perpendicular ao plano de percussão que passa pelo ponto de impacto. LAMING-EMPERARIRE, Annete. **Guia para estudo das indústrias líticas da América do Sul**. P. 49-50

Outro tipo de lascas são as secundárias, onde batendo atrás da cicatriz de um bloco onde já foram retiradas lascas, obteremos lascas sem córtex.

1.3.1 Núcleo

Para se fazer um trabalho em um material lítico, usando, como exemplo, a percussão direta aplicada sobre uma massa inicial, serão retiradas lascas, e esta massa inicial é chamada de núcleo. Observa-se que após ter sido retirada várias lascas, o núcleo passa a tomar formas bastante peculiares. Portanto, o núcleo, segundo Miller (1975, p.26) “é o que resta de uma massa original depois de tiradas uma ou mais lascas. Apresentam na sua face, as cicatrizes⁵ das lascas tiradas”. Outra característica apresentada no núcleo é a presença de um plano de percussão.

Os núcleos apresentam algumas divisões. O núcleo irregular é quando uma cicatriz de uma lasca retirada for novamente servir como plano de percussão, onde, desta forma, as cicatrizes vão se distribuir de forma irregular através das faces do núcleo. O núcleo se torna cônico se forem retiradas várias lascas ao redor dele e no mesmo sentido, assumindo esta forma. Já o núcleo poliédrico se forma através de lascas retiradas pelo lasqueamento bipolar. Um núcleo esgotado é aquele onde não há mais possibilidade de ser retirado mais nenhuma lasca. E por fim, o núcleo reutilizado é aquele que deixa de ser utilizado para seu verdadeiro propósito, e a

⁵ “Cicatrizes são marcas deixadas pela debitação anterior de outras lascas”. MILEER, Tom. **Anais do Museu de Antropologia**. P. 72

partir de algum bordo⁶ retocado, ele passa a ser utilizado para cortar, raspar, etc.

Tom Miller (1975, p.27) nos chama atenção para uma dúvida que existiu por parte de alguns pré-historiadores com relação à importância do núcleo e da lasca vejamos:

Antigamente, pré-historiadores tratavam de um debate estéril sobre, se o objetivo do artesanato primitivo era o núcleo, no qual as lascas não passavam de detritos de debitagem, ou, se o objetivo eram as lascas, no qual caso o núcleo que não passava de um sub-produto gasto e inútil. Veremos que, no interior do Brasil, ao menos, isso fica sem sentido, pois o artesanato escolheu as suas peças em termos de bordos ativos potenciais, e a comodidade da peça caber na mão, incluindo bordos de preensão – sem levar em consideração se a peça era lasca ou núcleo. Isto, por si só, basta para mostrar que uma tipologia exclusivamente formal deixa passar despercebidos os fatos mais importantes da tecnologia lítica, enquanto percebe os fantasmas de formas que o próprio artesanato nem percebia.

1.3.2 Seixos

O seixo se caracteriza por ser um fragmento que há muito tempo foi retirado de uma rocha, com desgastes nas arestas⁷, formas arredondadas e possuindo córtex. Observa-se que os seixos são matérias-primas de grandes quantidades de instrumentos pré-históricos. O que deve ser lembrado é que somente um vestígio que possua córtex nos pode dizer se esta matéria-prima foi ou não um seixo.

⁶ "O bordo é uma linha formada pela interseção do plano da face interna da lasca, com os da face externa". MILLER, tom. Oliver. Tecnologia lítica arqueológica. In: ANAIS do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. P. 70

⁷ "Aresta é a crista deixada pela interseção das facetas ou planos das diversas cicatrizes, na face externa da lasca ou do núcleo". TM p 70

1.3.3 Raspador

O raspador está incluído nas ferramentas caracterizadas por serem plano-convexas, ou seja, Laming-Emperaire (1967, p.70) define esta característica: os instrumentos “que apresentam uma face inferior plana e uma face superior convexa”. Encontramos em um raspador um bordo ativo convexo e às vezes, muito dificilmente possui uma forma retilínea.

Existem vários tipos de raspadores, como: raspador terminal, nucleiformes, circular, semi-circulares, etc. Então vejamos a definição de alguns deles.

O raspador é dito circular quando sua forma é de disco com bordo ativo, estendendo-se por toda a periferia. Ele ainda pode ser semi-circular se o bordo ativo estiver somente na metade da periferia. O raspador lateral é bastante semelhante a uma faca, podendo ser usado para cortar, raspar, dependendo de como ele é segurado na mão. Já os raspadores nucleiformes são aqueles feitos no preparo de um núcleo, regularizando o plano de percussão e retocando o bordo ativo. Um raspador chamado terminal significa que a parte ativa está localizado no eixo longitudinal.

1.3.4 Plaina

A plaina também está incluída nas ferramentas plano-convexas. Ela pode ser de bloco ou lasca. Podemos dizer que as plainas tinham utilidade para descascar e

alisar a madeira. O bordo ativo vai formar com a parte plana um ângulo bastante aberto que obtém esta forma devido a um lascamento abrupto, feitos a partir da face plana. O bordo ativo pode ser convexo e se localiza na extremidade longitudinal do utensílio. O que temos que ter cuidado para não confundir por que neste caso, o aspecto da plaina fica muito parecido com um raspador longitudinal. Outras plainas possuem o bordo ativo paralelo ao eixo longitudinal e fica côncavo.

Observa-se que à medida que as plainas foram gastas elas se quebravam ao meio, porem a linha de ruptura passava no meio do bordo côncavo. Podia também existir plainas duplas ou com dois bordos ativos.

1.3.5 Lesma

A lesma também é considerado mais um utensílio que se caracteriza por ser plano-convexo. Suas características segundo Laming-Emperaire (1967, p.75) são: “duas pontas, dois bordos ativos longitudinais, sendo que o retoque afeta toda a periferia da ferramenta. A face inferior é plana”. É visto que esse bordo ativo se forma devido à lascamentos abruptos na face inferior plana. Nota-se que a maioria das lesmas encontradas estão sempre muito usada, gasta ou fragmentada, tendo somente a metade do utensílio.

2.0 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SERROTE DOS CABOCLOS

2.1 Localização Geográfica

O sítio arqueológico Serrote dos Caboclos esta localizado no município de Pedro Avelino na região central do estado do Rio Grande do Norte, estando este município inserido na microrregião de Angicos, junto com os municípios de Afonso Bezerra, Angicos, Lajes, Fernando Pedrosa, Pedra Preta, Jardim de Angicos e Caiçara do Rio dos Ventos.

Está situado numa região da borda de bacia sedimentar, observa-se na área dois domínios distintos de relevo. Da parte central do município para o sul, porção esta dominada por rochas do embasamento cristalino, o relevo apresenta-se suavemente ondulado, com elevações medias da ordem de 140 a 265 metros, destacando-se, como única elevação proeminente, a Serra Aguda. Na porção Norte, com domínio de rochas sedimentares, o relevo é plano, com elevações variando de 70 a 95 metros, exceto por pequenas elevações na ordem de 105 a 120 metros. Na porção central do relevo do município, este é plano e suavemente ondulado devido esta ser uma área rica em terrenos aluvionares.

O clima característico é o semi – árido, quente e seco, com temperaturas médias anuais de ordem de 27°C, e chuvas ocorrendo entre os meses de janeiro e abril, podendo estender-se até julho, este período é chamado pelos sertanejos de inverno. O índice de pluviosidade é baixo, chegando a uma média anual inferior a 500 milímetros. A caatinga hiperxerófica é a vegetação característica, com árvore de pequeno porte, comumente espinhosas, e com formações arbustivas. O sistema hidrográfico da região é caracterizado por pequenos riachos afluentes do Rio

Cabugi, tendo assim como principais riachos do município, os da Serra Aguda, o Gaspar Lopes, do Feijão e o Santa Maria.

2.2 A pesquisa arqueológica

O sítio arqueológico Serrote dos Caboclos foi pesquisado em dois momentos distintos. O primeiro, no final da década de 1970, em pesquisas realizadas pelo Departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e num segundo momento, entre os anos de 2001/2002, onde estagiários do mesmo departamento visitaram o local com o objetivo de levantar dados científicos sobre o mesmo.

Os métodos arqueológicos utilizados nessas duas pesquisas foram os seguintes: na primeira pesquisa, a coleta de vestígios arqueológicos do sítio foi feita através de coletas seletivas de superfície, neste método o pesquisador tem como objetivo coletar somente as peças diagnósticas. Infelizmente não se preocuparam em registrar a posição do material arqueológico no sítio. Nesta primeira pesquisa também foram feitas sondagens, seis no total, de um metro quadrados e escavados por níveis artificiais de 10 cm, com o objetivo de verificar a presença de vestígios arqueológicos em sub-superfície, como também a sua posição vertical e conhecer a estratigrafia do sítio. Na segunda pesquisa, somente foram realizadas coletas seletivas de superfície.

Das seis sondagens abertas no sítio arqueológico, somente uma se apresentou estéril, sem vestígios arqueológicos, esta foi à sondagem cinco. Na

sondagem três, que foi escavada a quarenta metros de uma vertente, observaram-se traços de erosão pluvial na área da sondagem, onde se encontraram em superfície vestígios arqueológicos. Esta sondagem alcançou uma profundidade de cinquenta centímetros sem a presença de qualquer vestígio arqueológico.

Nas sondagens um, dois, quatro e seis foram registrados a presença de vestígios arqueológicos em sub-superfície, chegando a uma profundidade de 40 cm, na sondagem um encontrou-se uma lasca de sílex a esta profundidade. O sedimento desta sondagem é arenoso e solto no nível um (0 – 10 cm), a partir deste nível até 43 cm, o solo continua arenoso só que se torna mais compacto com fragmentos de quartzo e granito. Nesta profundidade o solo se torna muito compacto, impossibilitando a continuação da escavação da sondagem.

Na sondagem dois escavou-se até 35 cm de profundidade, sendo que nos primeiros 20 cm não se encontraram, neste nível o solo é arenoso. De 20 a 35 cm, o solo continua sendo arenoso, só que mais compacto, neste nível registrou-se a presença de vestígios arqueológicos. Foi registrada a presença, de acordo com os relatórios de pesquisa de campo, de um fragmento de cerâmica, mas não é nosso objetivo analisar o material cerâmico.

Na sondagem quatro e seis, estas apresentam as mesmas características, foram encontrados vestígios arqueológicos até 35 cm de profundidade, quando se chegou ao sedimento chamado de rigolito, sedimento muito compacto e por rocha em decomposição não pode apresentar vestígios humanos, impossibilitando assim a continuação da escavação. De 0 a 20 cm de profundidade o solo é arenoso com uma coloração escura, a partir dos vinte centímetros o solo se torna areno-argiloso e também escuro.

Pode-se observar a partir das informações obtidas através das sondagens

que o sítio arqueológico Serrote dos Caboclos é de superfície, esta afirmativa se dá por causa da pequena quantidade vestígios arqueológicos encontrados nas sondagens, quando essas existem estão concentradas a uma profundidade máxima de 30 cm. O restante do material está espalhado na superfície, junto a blocos de sílex, o sítio arqueológico está implantado em uma grande cascalheira de sílex. Outro dado importante a ser ressaltado é que o material arqueológico encontrado em sub-superfície, de acordo com os dados das análises laboratoriais, é na sua grande maioria lascas de pequeno tamanho, fragmentos de lascas, microlascas e estilhas, com a exceção da ocorrência de um artefato na sondagem quatro. Podemos supor que esse material possa ter migrado da superfície até os níveis mais profundos, por ser o solo arenoso, solto nos níveis superficiais e também da ocorrência de erosões climáticas, como a erosão pluvial.

2.3 Os vestígios arqueológicos

A coleção arqueológica do sítio Serrote dos Caboclos é composta na sua totalidade de vestígios líticos, perfazendo um total de 558 peças. Sendo dessas 558 peças, 60 artefatos (10,75%), 165 lascas (29,57%), 58 fragmentos de lascas (10,38%), 222 fragmentos brutos (39,78%), 12 núcleos (2,15%), 25 blocos (4,48%), 10 microlascas (1,79%), 3 seixos (0,54%) e 3 estilhas (0,54%), como mostra o gráfico 01.

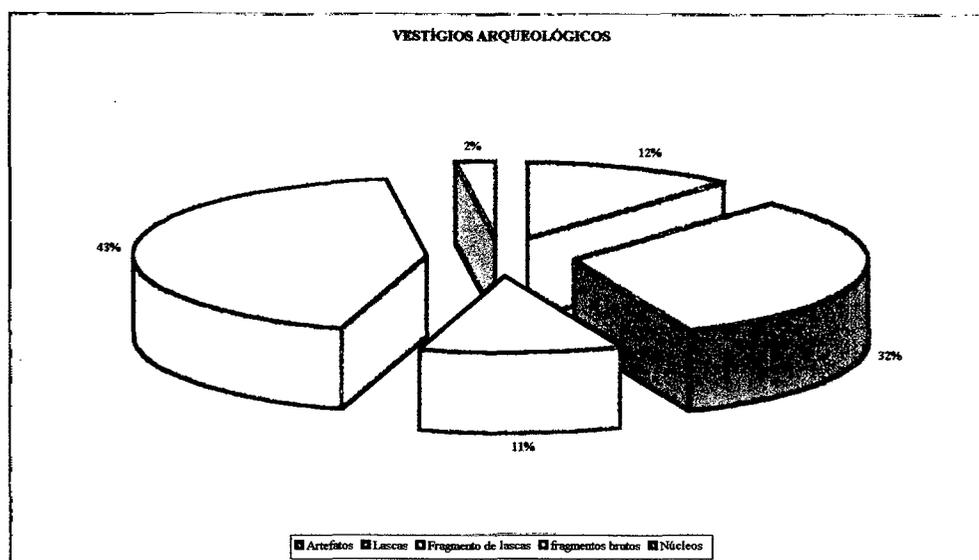


Gráfico 01 – Vestígios Arqueológicos

A matéria prima utilizada pelos grupos pré-históricos que habitaram o Serrote dos Caboclos são na sua grande maioria de sílex (75,63%), seguido em menor quantidade o quartzito e o quartzo (10,75% cada um), o filito (2,86%) e por último, o basalto com um fragmento mesial de lamina de machado polido (0,17%). Esses dados se encontram detalhados no gráfico 02.

Sobre o quartzo coletado nas pesquisas, durante as escavações, estão sendo identificados em profundidade não em superfície. Mas pode ser que haja a ocorrência desse material em superfície, como a coleta do material arqueológico em superfície foi seletiva, há uma preocupação por parte dos pesquisadores em coletar somente materiais arqueológicos feitos em sílex, por esta matéria prima ser de melhor qualidade para o lascamento em relação ao quartzito, como também é mais fácil de ser identificado.

Já o quartzito encontrado nas sondagens é na maioria pequenos fragmentos de seixos e poucos apresentam marcas de utilização humana. De acordo com as fichas de sondagem os níveis arqueológicos são arenosos com cascalho, podendo assim o quartzito ser um componente desse sedimento.

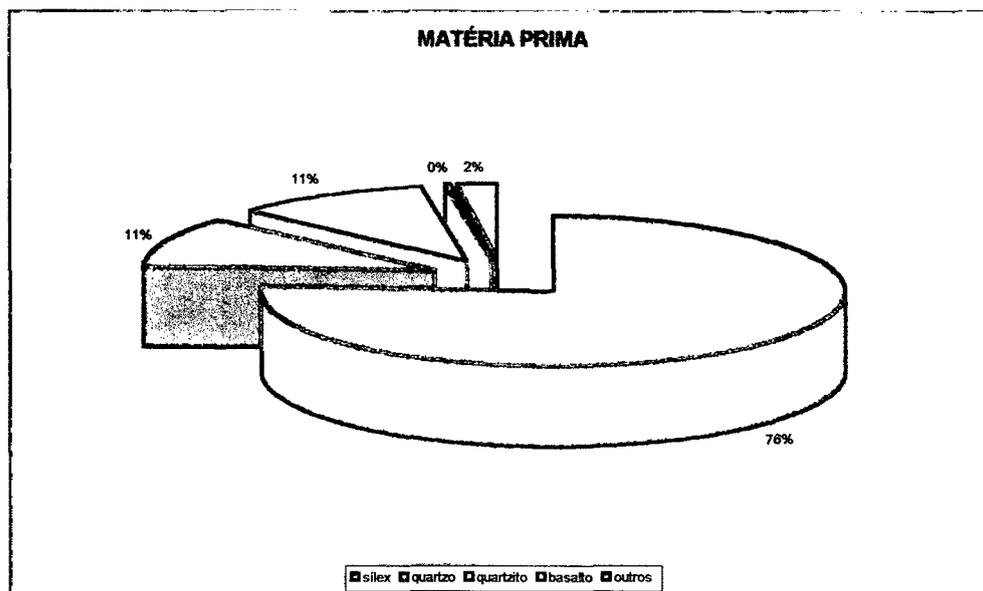


Gráfico 02: matéria prima

O que podemos afirmar até o momento sobre a coleção lítica do sítio arqueológico Serrote dos Caboclos é que a técnica lascamento utilizada pelos artesãos no preparo foi a percussão direta com percutor duro, de pedra, não só no preparo da matéria prima para fazer os instrumentos, como também no acabamento dos mesmos. Todo o material arqueológico, com poucas exceções, sofreu tratamento térmico, para facilitar o lascamento.

De acordo com o que foi levantado durante a análise laboratorial do material arqueológico o processo de lascamento esta sendo realizado no sítio, fato este comprovado pela presença de núcleos e lascas de descorticação. Como também lascas secundárias, como as lascas de preparo e de acabamento de artefato. O talão dessas lascas é na sua totalidade cortical e liso, havendo também, em pequena quantidade, preparo de talão no caso dos talões lisos. Verificamos em um dos núcleos um preparo anterior ao lascamento.

Alguns dos artefatos apresentam sinais de reutilização por parte de artesão, identificamos peças com córtex, uma porção patinada, que segundo Miller (1975, p. 25) se caracteriza por ser uma modificação que se dá na pedra depois de ser

desembaraçada da massa original, e retocada mais antiga e uma outra linha de retoques mais recente. Demonstrando uma reocupação do sítio por outros grupos pré-históricos, estes sendo mais antigos, ou então uma só ocupação no sítio, sendo esta por um período muito longo. Os artefatos da coleção têm como suporte bloco ou lascas, sendo que nesse último caso, são lascas de bloco.

Sobre o conjunto de artefatos identificados durante a análise laboratorial, registramos os seguintes tipos:

- Conjunto de artefatos de pequeno porte, raspadores circulares, laterais e semicirculares. Todos em sílex sobre lasca, não havendo por parte do artesão uma preocupação de retirar todo o córtex das peças. Os retoques são mais refinados, com uma linha de retoques invasores e seguida uma segunda linha de retoques marginais. As peças apresentam diferentes tonalidades de pátinas, evidenciando a reutilização, em períodos diferentes, das peças.
- Raspadores nucleiformes. São de blocos de sílex, que foram primeiramente como núcleos, apresentam cicatrizes de retiradas, que posteriormente foram utilizados como raspadores. Os retoques são invasores e abruptos, havendo em algumas peças sinais de reavivamento de bordo. Não havendo por parte do artesão uma preocupação de retirar todo o córtex das peças.
- Raspadores com bico. Todos feitos sobre lascas de sílex. Apresentam retoques invasores e uma segunda linha de retoques marginais, havendo uma preocupação por parte do artesão em fazer um bico na peça, para ser utilizada como um furador, e também em retirar todo o córtex das peças.
- Raspadores proximais. Grupo de artefatos sobre lasca de sílex, apresentando sinais de uso no talão. Não havendo por parte do artesão uma preocupação de retirar todo o córtex das peças.

- Raspadores bilaterais, raspadores terminais. Todos feitos sobre lascas de sílex e apresenta retoques invasores e sinais de uso. Não havendo por parte do artesão uma preocupação de retirar todo o córtex das peças.
- Plainas. Não há preocupação por parte do artesão em retirar todo o córtex e também e dar forma aos artefatos. Os artefatos foram bastante utilizados, apresentando seqüências de reavivamento de bordo.
- Artefatos plano-convexos. Os dois artefatos foram feitos sobre lasca de sílex e há uma preocupação por parte do artesão em retirar o córtex das peças.

Generalizando os dados referentes ao conjunto artefactual proveniente do sitio arqueológico Serrote dos Caboclos percebe-se que há dois conjuntos de artefatos, esses apresentam as seguintes características: o primeiro conjunto, os retoques nas peças foram feitos por percussão direta, são invasores e em alguns casos abruptos, não há uma preocupação em retirar o córtex das peças e tem como suporte a lasca ou bloco de sílex; o segundo conjunto é de artefatos plano-convexos (lesma) e pequenos artefatos, onde os retoques são mais finos e há uma preocupação por parte do artesão em retirar todo o córtex, conforme alguns exemplos anexos.

2.4 O sítio arqueológico Serrote dos Caboclos no contexto arqueológico regional

Não são muitas as pesquisas arqueológicas que tratam sobre as populações pré-históricas que utilizaram exclusivamente instrumentos e utensílios feitos em pedra no Rio Grande do Norte. Embora, sejam muitas as ocorrências de vestígios

desses grupos espalhados no território potiguar. O que temos até o momento são descrições sobre indústrias líticas referentes a sítios arqueológicos isolados, tendo poucas discussões sobre esses grupos pré-históricos num contexto regional.

Sabe-se que o Rio Grande do Norte estava sendo povoado por grupos de caçadores coletores a mais de nove mil anos atrás, na região do vale do rio Seridó e seus afluentes, região centro-sul do Estado. Foram restos humanos em dois sítios arqueológicos que remontam a esse período, sendo eles o sítio “Pedra do Alexandre”, em Carnaúba dos Dantas, e o sítio Mirador em Parelhas. Segundo datações obtidas nestes sítios, de 9410 anos BP, para o sítio Mirador e de 9400 anos BP para o sítio Pedra do Alexandre. Junto com os enterramentos encontrados no sítio Alexandre, próxima a fogueiras foi verificado a presença de material lítico em quartzo e sílex, raspadores e restos de debitage, como também um machado polido.⁸

Outra área estudada que apresenta este tipo de vestígio arqueológico, é a situada na região central do Estado, em área banhada pelo rio Piranhas-Açu. Durante as pesquisas de Salvamento Arqueológico da área que veio a ser ocupada pela barragem Armando Ribeiro Gonçalves, obra e pesquisa financiadas pelo Departamento Nacional de Obras de Combate a Seca (DNOCS). Essas pesquisas foram realizadas pelos arqueólogos Tom Oliver Miller Junior e Vicente Giancotti Tassone, ambos pesquisadores ligados ao Departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo. Não há publicações dos resultados das escavações e nas pesquisas de laboratório do material coletado e sim entrevistas fornecidas pelos arqueólogos responsáveis pelo projeto de salvamento.

O arqueólogo André Prous (1992, p.192), na busca de dados para a produção

⁸ MARTIN, Gabriela. O cemitério pré-histórico “Pedra do Alexandre” em Carnaúba dos Dantas, RN (Brasil). (1995-1996 p.46.

de seu livro "Arqueologia Brasileira", visitou o Museu Câmara Cascudo e recebeu informações orais sobre a existência de sítios – oficinas, implantados em grandes pavimentos detríticos com matéria – prima de boa qualidade para o lascamento, em jaspe e sílex. Essas indústrias líticas de seixo ainda não foram descritas, sendo bastante tosca, dificultando a verificação do que são vestígios arqueológicos de acidentes naturais. Este termina a descrição dessas indústrias líticas, transcrevendo informações fornecidas oralmente por Vicente Giancotti Tassone, durante sua visita ao Museu:

O projeto de salvamento do vale do rio Açu fez com que fossem encontrados dentro de matriz arenosa um grande número de seixos fraturados, trazidos das ravinas pelos homens pré-históricos. As peças retocadas são muito raras, destacando-se algumas lascas de sílex e jaspe, cuja fonte se encontra a 50 quilômetros. As numerosas sondagens foram testes estratigráficos de pequenas dimensões; no entanto, em dois deles foram observados marcas de postes espaçados regularmente.

O sítio Angico forneceu uma estratigrafia bem nítida. Embaixo dos níveis com cerâmica que ocupam 40 centímetros superiores, vários componentes pré-cerâmicos aparecem dentro de lentes argilo-arenosas depositadas pelo rio. Embaixo, uma camada de argila contém dois níveis líticos antigos, datados de 8000 a 9000 BP. A base do sítio é formada por um cascalhão estéril. O nível arqueológico inferior se caracteriza por uma indústria de lascas retocadas unifacialmente, às vezes plano-convexas, e deve pertencer ao mesmo grupo das outras indústrias de lesmas do Holoceno inicial, dos estados de Minas Gerais e Goiás. Em uma das sondagens, o nível inferior apresentou uma fogueira circular ao redor da qual estava espalhado o refugo de debitage. Havia buracos de postes na região periférica. O sítio Angico promete, portanto, ser um dos mais interessantes para a reconstrução cultural do Rio Grande do Norte.

Ainda sobre este projeto de salvamento, a arqueóloga Gabriela Martin (1999, p.177) descreve os resultados das pesquisas fornecidas por Tom Oliver Miller, que identificou em terraços fluviais do rio Piranhas – Açu, estes afastados do rio, em cascalheiras, onde se encontrou seixos de quartzo e quartzito com cicatrizes de retiradas de lascas, como também coletou lascas de quartzo e de jaspe, estas obtidas por lascamento bipolar. Sobre estes tipos de sítios arqueológicos a autora compara com outros sítios arqueológicos do Brasil:

observamos o mesmo fenômeno nos terraços antigos do Rio São Francisco, onde se acumulam manchas de material lítico nas que se pode observar abundância de restos de lascamento, consistentes em lascas sem retoques e presença de caçadores-pescadores que se movimentam ao longo dos rios nordestinos mais caudalosos com grande mobilidade, preparando seus instrumentos de pedra segundo as necessidades imediatas. As indústrias são simples, com pouco ou nenhum retoque e possivelmente posteriores às indústrias mais refinadas da Tradição Itaparica⁹.

Em outra região banhada pelo rio Piranhas – Açú, na área que se estende do município de Açú até o município de Macau, foram identificados durante as pesquisas realizadas, feitas pela empresa Documento Antropologia e Arqueologia com o apoio institucional do Museu Câmara Cascudo, pelo “Programa de Prospecção e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Linha de Distribuição 138Kv Assú/Guamaré, obra e pesquisa financiadas pela Companhia Energética do Rio Grande do Norte (COSERN), foram identificados dez sítios arqueológicos que apresentam vestígios arqueológico predominante, o lítico”.

Sítio	Categoria	Coordenada UTM	Município
Caieiras do Assu	Histórico	24M0732837/9381218	Assu
Pedrinhas	Lítico a céu aberto	24M0735607/9381984	Ipanguassu
Areião	Lítico a céu aberto	24M0738591/9384726	Ipanguassu
Cuó	Lítico a céu aberto	24M0738954/9383970	Ipanguassu
Abrigo do Cuó I	Lítico em abrigo	24M0738779/9383804	Ipanguassu
Abrigo do Cuó II	Lítico em abrigo	24M0738830/9383836	Ipanguassu
Açude Novo de Barrocas	Lítico a céu aberto	24M0757515/9403534	Afonso Bezerra
Amargoso I	Lítico a céu aberto	24M0772473/9415112	Macau
Amargoso II	Lítico a céu aberto	24M0775159/9417240	Macau
Mulungu	Lítico a céu aberto	24M0770407/9413550	Alto do Rodrigues
Santa Rita	Lítico a céu aberto	24M0761868/9406942	Alto do Rodrigues

Fonte: ROUBRAHN – GONZÁLEZ, Érika Marion, et alli. (2003 p. 39)
 QUADRO 01: Caracterização geral dos sítios arqueológicos

⁹ Tradição lítica que designa ocupações de caçadores diversificados em grutas e abrigos, com o instrumento do tipo lesma de sílex, de arenito silicificado e de calcedônia, raspadores circulares, semi-circulares, laterais em forma de leque, alguns com retoque e furadores com ombro. Com datações que chegam a 10.000 BP em Serranópolis (GO) e no Vale do São Francisco (MARTIN; Gabriela. *Pré-história do nordeste do Brasil*. p. 151-152).

Como resultados dessa pesquisa se identificaram dois horizontes de ocupação, que tinham como base à subsistência a caça e a coleta. Uma primeira ocupação foi datada em 3380 anos BP, datação adquirida de uma estrutura de combustão identificada no nível nove (80-90 cm) do sítio Areião, este sítio esta relacionado ao horizonte de ocupação do sítio arqueológico Cuó. E um segundo horizonte de ocupação, com uma datação de 980 anos BP, datação obtida em estrutura de combustão do nível dois (10 –20 cm) do sítio Areião, estão relacionados à mesma ocupação os sítios arqueológicos do Mulungu, Santa Rita, Pedrinhas, Amargoso e Açude Novo de Barrocas.¹⁰

Sobre as indústrias líticas identificadas relacionadas a esses dois horizontes de ocupação apresentam estas características e as seguintes diferenças:

Indústrias sobre lascas diferentes se apresentam com uso e variabilidade tecno-morfológica entre os conjuntos artefatuais dos grupos de caçadores – coletores cujo os sítios foram estudados:

- Um primeiro caracterizado pela presença de artefatos longitudinais plano-convexos sobre lasca de secção transversal curta com acabamento fino e ausência de córtex (Cuó, primeiro solo de ocupação do sítio Areião);
- Um segundo caracterizado por artefato raspadores longitudinais plano-convexos com secção transversal alta sem acuidade, presença de córtex na face externa na lasca, e de retoques em bordo abrupto que apresenta, em geral, sucessivas linhas de reavivamento com sinais intensos de uso. (Santa Rita, Mulungu, Açude Novo de Barrocas, Amargoso);
- Um terceiro conjunto pode estar associado ao conjunto anterior, e que se constitui por raspadores proximais sobre talão liso de lascas espessas e robustas (Açude Novo de Barrocas e Santa Rita). Também constam artefatos raspadores com retoques invadentes laterais e frontais sobre lascas grandes ou fragmentos de seixos, com bico (Amargoso e Santa Rita). (ROUBRAHN – GONZÁLEZ)¹¹

Uns outros pontos importantes a colocar sobre essas indústrias líticas identificadas na pesquisa está relacionado ao tratamento térmico dado a matéria

¹⁰ ROUBRAHN – GONZÁLEZ, Érika Marion, et alli. Programa de prospecção e resgate do patrimônio arqueológico da Linha de Distribuição 138Kv Assu/Guamaré. (2003 p. 165).

¹¹ ROUBRAHN – GONZÁLEZ, Érika Marion, et alli. Programa de prospecção e resgate do patrimônio arqueológico da Linha de Distribuição 138Kv Assu/Guamaré. (2003 p. 166).

Ibid, p. 166

prima com o objetivo de melhorar o lascamento. Na ocupação mais antiga o tratamento térmico é homogêneo. Já na segunda ocupação a queima é irregular, ocasionando uma grande frequência de fragmentos térmicos nestes sítios, este fato não ocorre nos sítios do primeiro horizonte cultural¹².

A autora relaciona os resultados de suas pesquisas confirmando as hipóteses levantadas pelo arqueólogo Armand François Gaston Laroche. As indústrias líticas que apresentam córtex são mais recentes que as indústrias líticas sem córtex¹³. A autora faz essas afirmações com base nos estudos realizados por eles nos sítios arqueológicos Bom Sucesso (Riacho da Volta) através das datações obtidas neste sítio e as características da coleção lítica do mesmo.

Neste sítio, de acordo com datações radiocarbônicas, confirma uma ocupação humana de 3400 anos BP até 500 anos BP. Estas ocupações iniciais com o fim do Althi-Thermal, prolongando-se até os tempos históricos.

Segundo Laroche (1983, p. 19) essas tecnologias que se iniciaram com o fim do Althi-Thermal:

Que caminharão muito tempo em paralelo, sendo que aos poucos, uma delas é superada pela outra. Tais acontecimentos comprovam evoluções econômicas, provocadas por flutuações climáticas. A provável substituição gradativa de um sistema econômico por outro, cada vez mais correlato com as novas condições. Alguma dessas modificações provem de alterações do período Althi-Thermal e do pequeno fluvial.

Outro dado importante a acrescentar sobre o sítio arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta) é informações de que nas escavações realizadas na margem do riacho, foram coletadas amostras de carvão a uma profundidade de 1,20 metros, que

¹² ROUBRAHN – GONZÁLEZ, Érika Marion, et alli. Programa de prospecção e resgate do patrimônio arqueológico da Linha de Distribuição 138Kv Assu/Guamaré. p.165

¹³ LAROCHE, Armand François Gaston. sugestões para um modelo de primeira abordagem a uma análise interpretativa de uma coleção de artefatos líticos: estudos sobre artefatos líticos procedentes do sítio arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta) – Angicos (RN). p 19.

resultou em uma datação de 9.000 anos BP.¹⁴

Outra região do Rio Grande do Norte onde apresentou vestígios arqueológicos ligados a grupos de caçadores – coletores estão localizados em sítios arqueológicos identificados no litoral potiguar. Com o projeto arqueológico “Homem das Dunas”, realizada pela equipe de arqueologia do Laboratório de Arqueologia, do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a coordenação do arqueólogo Paulo Tadeu de Souza Albuquerque demonstrou um significativo povoamento do litoral potiguar. Onde foram identificados vestígios de artefatos líticos ligados ao período pleistoscênico¹⁵.

Sobre as indústrias líticas existentes nos sítios arqueológicos identificados no projeto Homens das Dunas, Spencer (1996, p.34) apresenta as seguintes características:

São sítios oficinas, caracterizados pelo grande número de lascas e por instrumentos terminais, dentre eles, raspadores plano-convexos, sobre lasca, com preparo dorsal escalonado e retoque fino no seu bordo, raspadores frontais e laterais, núcleos totalmente esgotados, seixos fatiados e batedores, ocorrendo também a existência, em algumas áreas, de alguns poucos instrumentos polidos, como almofarizes, mãos de pilão e machados.

Algumas considerações preliminares foram apontadas no projeto sobre as ocupações pré-históricas do litoral potiguar, essas estão ligadas aos vestígios e ao meio ambiente:

- 1) a identidade funcional dos vestígios líticos como tradicionalmente considerados, não se coaduna com a realidade ambiental hodierna;
- 2) os vestígios líticos estariam demonstrando, então, uma contemporaneidade a uma realidade ambiental completamente diferente da atual – inclusive no que concerne à proximidade do mar – se levássemos em consideração o uso atribuído aos instrumentos

¹⁴ Idem p. 26

¹⁵ SPENCER, Walner Barros. *Em busca dos grandes caçadores*. p. 34.

referenciais da chamada Tradição Itaparica, relacionados, tradicionalmente, à caça especializada de animais de grande porte e, eventualmente, embora polêmico, até mesmo ao abate de mamíferos de mega-fauna pleistocênica;

- 3) ou, os conceitos de 'tradição' e 'fase' não servem, neste caso, de parâmetros seguros para a definição de estágios culturais análogos.¹⁶

Sobre estas considerações, concordamos com a terceira, onde os conceitos de tradição e fase são insuficientes para a caracterização de um grupo cultural, em especial a essas culturas líticas. Não se tem um controle estratigráfico dos vestígios do sítio, por causa das características geomorfológicas das dunas onde os sítios arqueológicos estão implantados e também a falta de datações que sustentem essas ocupações mais antigas, pois as datações mais antigas que estão diretamente relacionados a esses conjuntos artefatuais no Estado não passam de 4000 anos BP, datações provenientes dos sítios arqueológicos Riacho da Volta e Areião, ambos localizados na região central do Estado.

É dentro deste contexto arqueológico pré-histórico que o sítio arqueológico Serrote dos Caboclos está inserido. Analisando os dados disponíveis sobre essas indústrias líticas podemos afirmar que o grupo pré-histórico que habitou o sítio arqueológico Serrote dos caboclos em Pedro Avelino está ligado ao segundo horizonte de ocupação do sítio arqueológico Areião, como também as ocupações dos sítios arqueológicos Mulungu, Santa Rita, Amargoso, Pedrinhas e Açude Novo de Barrocas. Conseqüentemente, os grupos pré-históricos que viveram no Serrote dos caboclos são de caçadores coletores tardios, que habitaram o semi-árido potiguar há 1000 anos atrás.

Essas afirmações são baseadas nas semelhanças tecno-morfológicas dos

¹⁶ Idem. p. 35.

conjuntos artefatuais e também do processo de produção dos mesmos e também no que se refere à implantação dos sítios na paisagem. Todos esses sítios, com exceção do sítio Areião que está implantado em uma duna próxima a uma cascalheira de sílex, estão localizados em cascalheiras de sílex, próximos ou não de cursos d'água, e apresentam indícios de os vestígios foram trabalhados no próprio sítio, demonstrando que os sítios tinham como uma de suas funções, a principal, de ser utilizado como sítio – oficina.

Outro aspecto desses grupos se refere à maneira que estão organizados socialmente, estes estariam organizados em pequenos grupos, compostos de poucas famílias e que tinham uma grande mobilidade espacial. Sobre essa mobilidade espacial podemos observar que esses grupos estão se movimentando por toda a porção noroeste do estado, se verificarmos as distâncias entre os sítios, provavelmente em busca de água e alimento. Já que nos períodos de grandes estiagens estes produtos tornam-se raros e valiosos.

Vale ainda salientar, que provavelmente o sítio Serrote dos Caboclos tenha sido ocupados por grupos mais antigos, levando em consideração a presença de artefatos sem córtex e a reutilização de alguns artefatos em períodos distintos e distantes um do outro. Podendo este outro grupo estar ligado ao horizonte cultural do sítio Cuó e o de Riacho da Volta, recuando assim a ocupação deste sítio há 4000 anos atrás. Infelizmente, por causa da pequena quantidade de dados referentes a esse conjunto tecnológico não podemos afirmar nada e sim ficar no campo da probabilidade. Temos ainda referências de ocorrência de artefatos semelhantes tecno–morfologicamente as ocupações mais antigas na região, próximo ao sítio Serrote dos Caboclos.

3 CONCLUSÃO

A partir de toda a discussão feita nesta monografia sobre a caracterização de um determinado grupo humano, através de uma análise tecnológica da sua coleção lítica, que habitou o município de Pedro Avelino, mas especificamente no sítio Serrote dos Caboclos, onde centralizamos nossa pesquisa, e a partir de conceitos que mostramos ao longo do primeiro capítulo sobre tipologia, técnicas de trabalho na pedra e os atributos dados ao material lítico, conseguimos chegar a algumas conclusões.

A partir do material que foi coletado em 1970 por uma equipe do Departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo e também da coleta feita nos anos de 2001-2002 por estagiários do mesmo departamento, foi constatado que este sítio é de superfície, pois nas sondagens feitas, e lembrado que estas só foram executadas no ano de 1970, a presença de material é escassa, e quando estes existem o nível de profundidade é de até 30cm.

De acordo com as análises feitas no laboratório de arqueologia do Museu Câmara Cascudo, o vestígio arqueológico mais abundante foram as lascas de pequeno tamanho, seguidos de artefatos e fragmentos de lascas. O material mais utilizado era o sílex, para a produção desses instrumentos .

A técnica de trabalho na pedra utilizada pelos artesões tanto no preparo da matéria-prima, como também no acabamento foi a percussão direta com percutor duro. A maioria do material também sofreu tratamento térmico, facilitando e muito no seu lascamento.

Observa-se também que o processo de lascamento do material era feito no próprio sítio devido a presença de núcleos e lascas de descorticação, como

também as lascas secundárias, lascas de preparo e de acabamento de artefato.

Em muitas peças foram encontrados sinais de reutilização, uma linha com cortex e porção patinada mais antiga e outra linha com retoques mais recentes. Desta forma, pode-se pensar que houve uma ocupação mais antiga no sítio por outros grupos humanos pré-histórico ou então uma só ocupação por um determinado grupo, sendo que por um longo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHILDE, V. Gordon. **Introdução à Arqueologia**. 2ed. Men Martins, Portugal: Publicações Europa América, 1977.

CHILDE, V. Gordon. **O que aconteceu na história**. 2ed. Ed: Zahar, Rio de Janeiro, 1981.

FRÉDÉRICÉ, Louis. **Manual Prático de arqueologia**. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1980.

GASPAR, Maria Dulce. Os ocupantes pré-históricos do litoral brasileiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Ed. Da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

LAMING-EMPERAIRE, Annete. **Guia para estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Curitiba: Universidade do Paraná, 1967.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do nordeste do Brasil**. 3 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

_____, o Cemitério pré-histórico "Pedra do Alexandre" em Carnaúba dos Dantas RN. In. **CLIO Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco Série Arqueologia nº 11 1984 p. 43 – 58**.

MILLER JR, Tom Oliver. Tecnologia lítica arqueológica. IN: **ANAIS do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina**. Florianópolis, 1975. v.8.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Ed. UNB, 1992.

_____. Arqueologia, Pré-história e história. In: **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

_____. Os artefatos líticos, elementos descritivos classificatórios. In: **ARQUIVOS do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais, 1986-1990. v.11**.

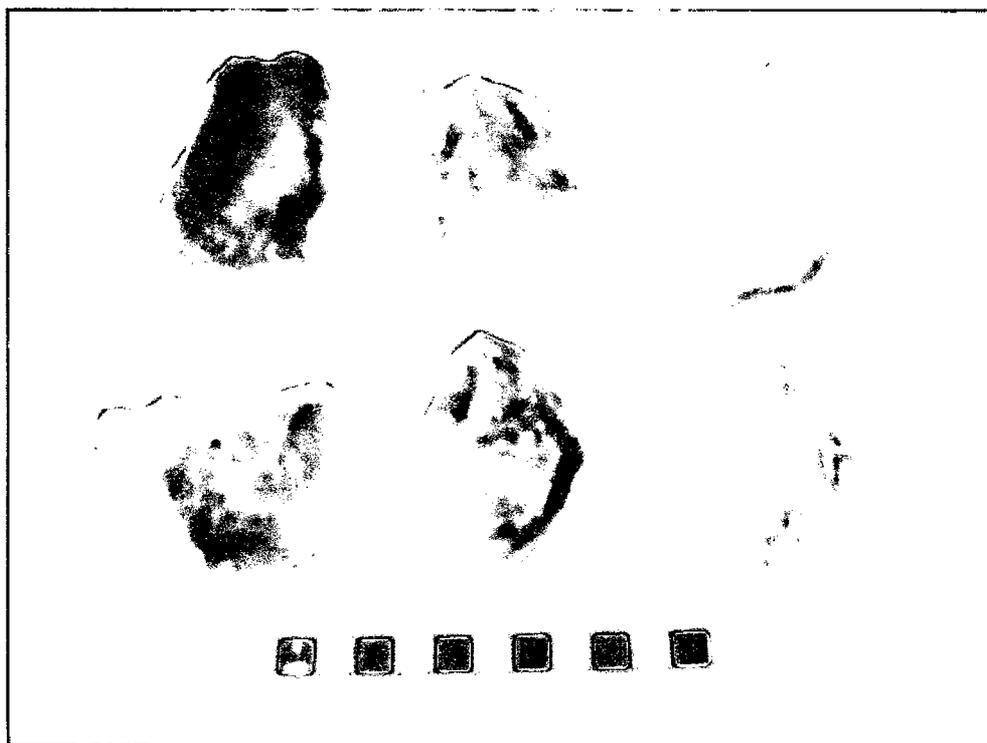
RAHTZ, Philip. **Convite à arqueologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Série Diversos).

ROBRAM-GONZALEZ, Érika. Programa de prospecção e resgate do patrimônio arqueológico da Linha de Distribuição 138 Kv Assu/Guamaré. (COSERN 2003).

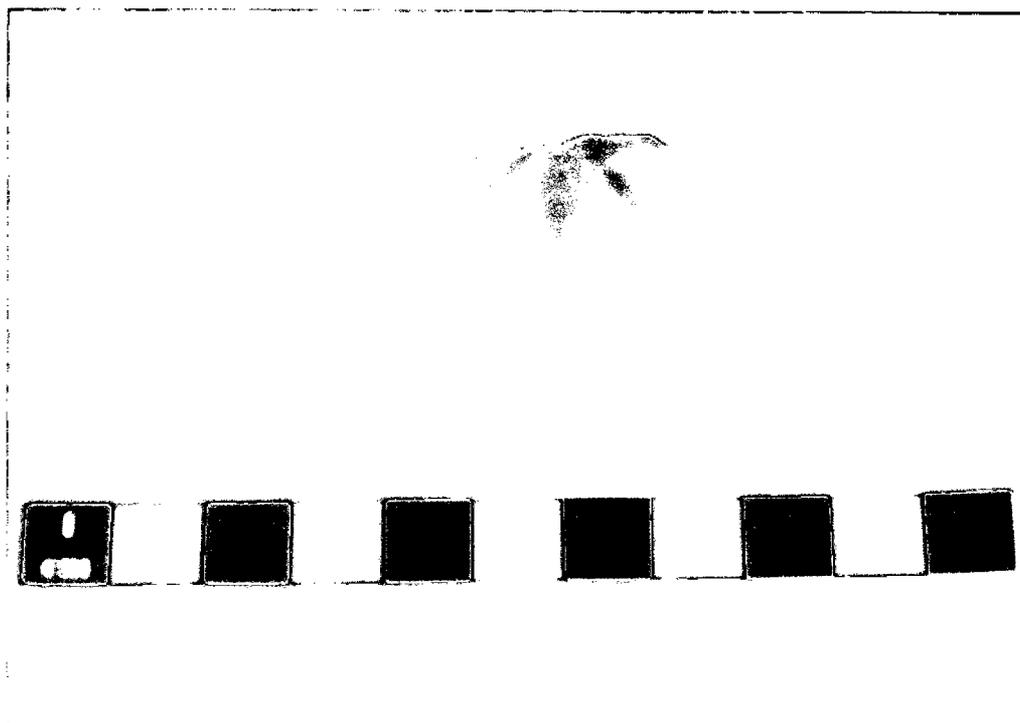
SANDERS, willian T; MARINO, Joseph. Pré-história do novo mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SPENCER, Walner Barros. Pré-história do Rio Grande do Norte, Em busca dos grandes caçadores. Cadernos arqueológicos. UFRN. CCHLA – bv. 1 n. 1 1996.

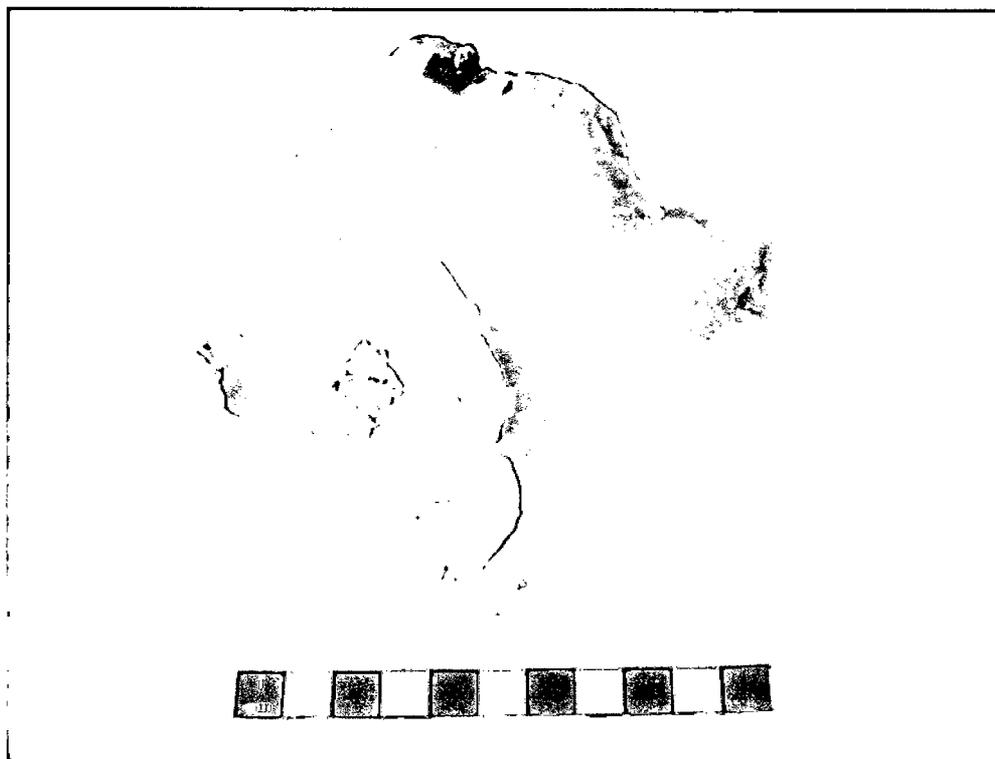
ANEXOS



Conjuntos artefatos



Núcleo



Raspador com bico